



ORGULHO E RESISTÊNCIA/ Proibida pelo governo ultraconservador, marcha LGBTQIAPN+ mobiliza em torno de 200 mil pessoas em Budapeste, uma participação recorde. Não houve repressão, mas o premiê ameaça a comunidade com medidas legais

Milhares de húngaros desafiam Orbán

A decisão do governo ultraconservador húngaro de proibir a marcha do orgulho LGBTQIAPN+ no país teve o efeito reverso e levou, ontem, um número recorde de pessoas às ruas de Budapeste. Com bandeiras do arco-íris tremulando bem alto, dezenas de milhares de pessoas participaram do evento, que se converteu em um ato de desafio direto ao primeiro-ministro Viktor Orbán.

Os organizadores estimaram que pelo menos 200 mil compareceram à marcha, uma participação muito superior ao recorde anterior, de 35 mil. Não houve uma estimativa oficial.

Toda a Europa acompanha a situação no país de 9,6 milhões de habitantes. Bruxelas condenou a proibição, uma repressão inédita dos direitos LGBTQIAPN+ na União Europeia.

Trinta e três países apoiaram a passeata, mas o governo húngaro advertiu os diplomatas na capital que se mantivessem longe da manifestação, sinalizando que os que participassem estariam sujeitos a enfrentar as consequências. Dezenas de eurodeputados não se intimidaram e foram às ruas.

A despeito do veto, não houve qualquer tipo de ação contra os participantes. A fim de evitar imagens de repressão violenta, Orbán descartou uma intervenção das forças de segurança. Não faltaram, porém, ameaças a gays, lésbicas e pessoas trans com consequências legais.

Reconhecimento facial

Por todo o trajeto da marcha, autoridades instalaram câmeras equipadas com sistemas de reconheci-



Sob um sol escaldante, a multidão foi às ruas em clima festivo, com bandeiras do arco-íris tremulando alto: apoio de 33 países

mento facial. Segundo o governo húngaro, quem for identificado receberá multas que podem chegar a 500 euros (cerca de R\$ 3,2 mil, na cotação atual). Além disso, advertiu que organizar ou convocar a participação num evento proibido pode ser punido com até um ano de prisão.

Em clima festivo, a manifestação começou por volta das 15h locais (10h em Brasília) perto da Prefeitura de Budapeste, decorada com as cores do arco-íris e sob um sol es-

caldante. Quatro horas depois, ainda não havia terminado.

Muitos dos participantes contaram que era a primeira vez em uma Marcha do Orgulho. Foi o caso de Zoltan, 66 anos, que se disse emocionado com a adesão popular. “Estou orgulhoso de ser gay, mas tenho muito medo de que o governo queira nos humilhar”, afirmou.

Apresentando-se como um “aliado do homossexual” da comunidade LGBTQIAPN+, o estudante Marcell

Szanto, 22 anos, assinalou que foi uma “experiência formidável”, sem o “ódio que costuma caracterizar o ambiente na Hungria”.

O também estudante Akos Horvath, 18 anos, viajou para a capital da Hungria exclusivamente para prestigiar a marcha. “Não se trata apenas de representar as pessoas gays, mas de defender os direitos do povo húngaro”, disse Horvath, que mora no sul do país, à agência de notícias France Presse (AFP).

Em reação, vários grupos de extrema direita anunciaram contramanifestações no mesmo trajeto da Marcha do Orgulho, onde colocaram uma cruz de madeira adornada com mensagens de protesto. Esses atos foram autorizados pelo governo.

Na avaliação do analista Szabolcs Pek, “o sucesso significativo do Pride (Orgulho) é muito embaraçoso” para Orbán e seu partido, o Fidesz, e certamente terá “repercussões políticas”. O também analista Daniel Mikecz, por

sua vez, assinalou que o veto à marcha viola os tratados europeus assinados pela Hungria quando o país se uniu à União Europeia, em 2004.

Gol contra

Diante da resposta da sociedade, o prefeito de Budapeste, Gergely Karacsony, de centro-esquerda, usou as redes sociais para ironizar o governo ultraconservador. “Obrigado, Viktor Orbán, por promover uma sociedade mais tolerante”, destacou. Para manter a marcha, Karacsony considerou que um evento municipal não precisa de autorização do governo central.

A lei que proíbe marchas como as do Orgulho foi aprovada pelo Executivo em março passado. Na mesma ocasião, houve uma emenda à Constituição para restringir os direitos LGBTQIAPN+, em nome dos direitos das crianças. O governo entende que os menores não devem ser expostos à homossexualidade e à transidentidade ou ao que qualifica de “depravação”.

Encorajado pela ofensiva do presidente americano, Donald Trump, contra os programas de promoção da diversidade, Orbán esperava “polarizar a sociedade”, de acordo com cientistas políticos, um método que em outras ocasiões lhe deu bons resultados.

Antes de Orbán voltar ao poder, em 2010, a Hungria era um dos países mais progressistas da região. A homossexualidade havia sido descriminalizada no começo da década de 1960. A união civil entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecida em 1996. Mas o premiê foi mudando gradualmente a situação.

IRÃ Honras de Estado no adeus a cientistas

O Irã preparou um funeral de Estado para os cerca de 60 cientistas e comandantes militares de alto escalão mortos durante a guerra de 12 dias com Israel. A cerimônia foi realizada no quinto dia da trégua entre os dois países, fragilizada por novas ameaças do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de atacar a República Islâmica caso haja sinais de retomada do programa nuclear.

Vestindo preto, milhares de

pessoas se reuniram no centro de Teerã, cantando slogans como “morte aos Estados Unidos” e “morte a Israel”, e exibindo fotografias dos mortos. Os caixões foram cobertos com a bandeira nacional e transportados em caminhões por 11 quilômetros, da Praça Enghelab (Revolução) até a Praça Azadi (Liberdade).

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, participou das cerimônias, que começaram às 8h (1h30

em Brasília), de acordo com a televisão estatal. O canal também mostrou o general Esmail Qaani, chefe da Força Quds, braço de operações externas da Guarda Revolucionária, exército ideológico do Irã, e Ali Shamjani, ferido durante a guerra. Shamjani é um dos conselheiros do líder supremo iraniano, aiatolá Ali Khamenei.

Nas ruas, milhares de iranianos agitavam bandeiras da República Islâmica, com os punhos

erguidos. Algumas faixas diziam “Boom boom Tel Aviv”, uma referência aos mísseis iranianos lançados contra Israel durante o conflito.

Os bombardeios israelenses, iniciados em 13 de junho, atingiram instalações nucleares e militares, mataram altos funcionários e cientistas envolvidos no desenvolvimento do programa nuclear. Os EUA se juntaram à ofensiva na madrugada de 22 de junho, bombardeando três usinas nucleares.



Fotos dos mortos na guerra contra Israel foram exibidas no funeral

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O submundo global da tecnologia

Aumenta no mundo a força e a ousadia dos “cretinos digitais”. O deslumbramento mundial com a tecnologia logo se tornará um desespero nacional, estatal, empresarial, familiar e emocional. A dança sem lei dos algoritmos está moldando a personalidade humana e as doenças modernas. Reclamaram e tentaram evitar sua companhia abusiva já é a obra-prima dos “fora de moda”. Os que priorizam a comunidade, a lealdade, a discrição, a justiça e os valores serão expulsos das instituições e da vida cotidiana pelos maximizadores de influência, velocidade, ambição, lucro e poder.

Um bom estudo sobre o submundo global da tecnologia já

existe desde a década passada, esmiuçado por dois livros do jornalista britânico Misha Glenny, publicados com os títulos McMafia (2008) e DarkMarket (2011). Alertas que pouco interessaram aos governos até que começaram a prejudicar a economia, como ocorreu recentemente com o grande ataque cibernético que afetou três famosas redes varejistas de comércio da Inglaterra: a Harrods, o Marks and Spencer e o Co-op.

O crime e a espionagem cibernéticos invadiram todas as áreas e suplantaram o crime organizado tradicional. A capacidade revolucionária de destruição criativa da inteligência artificial está prestes a atingir um ponto crítico,

ameaçando as pessoas e as instituições democráticas.

O uso excessivo e deslumbrado de plataformas de comunicação excede os padrões de respeitabilidade que já se exigiam da função comunicativa em outros tempos. É outro mundo, outra espécie desconfortável de entendimento sobre o que é poder, autoridade e responsabilidade. Muita desatenção às verdadeiras carências da vida de hoje e do amanhã.

Não parece nada, mas aceitar placidamente que plataformas de comunicação saibam de antemão quase tudo sobre as decisões oficiais ou privadas que afetam a sorte dos cidadãos — por deixar rastros que são copiados por nuvens e sombras por onde passa — não deveria ser considerado normal. Especialmente porque, ainda que muitos não se preocupem com o poder oculto a que se submetem, deveriam ao menos se afligir com a possibilidade de poderem perder

tudo de uma hora para outra por fraudes, golpes e crimes digitais.

Dias atrás, o Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido (NHS), equivalente ao SUS brasileiro, tornou público que um ataque de ransomware — que é um tipo de software malicioso usado para extorção — interrompeu testes de sangue em vários hospitais de Londres, contribuindo para a morte de pelo menos um paciente.

Para o manipulador da internet tornou-se um bom negócio usar a rede para prejudicar alguém e não respeitar seus direitos. O pacato cidadão com seu celular, comerciantes, industriais e bancos são os alvos preferenciais de ataques, crimes e fraudes cibernéticas.

É difícil viver contra a opinião do mundo, insistir em ter pensamento próprio, num contexto em que imitar, copiar e seguir os outros passou a dominar o universo das redes sociais que são apenas a ponta do iceberg da encresna

representada pelas atuais redes de comunicação. Como instrumento sem prudência e sustentado por falsa autoconfiança, a internet não estimula ninguém a nadar contra a corrente. É necessário incentivar o inconformismo daqueles que percebem que a sociedade está se adaptando aos costumes de quem não respeita a vida em sociedade.

O crime — e os maus hábitos que ele dissemina — tornou-se um grande negócio, que tem dizimado a natureza comunitária das cidades, fechado lojas, entupido ruas de câmeras de segurança e espalhado uma falsa ideia de segurança e êxito da vida eletrônica.

Palavras-crime, golpe on-line, código de resgate para sequestro de dados; a podridão das plataformas digitais. O uso malicioso da internet ameaça destruí-la, provocando seu rápido declínio por meio da deterioração progressiva da qualidade e da confiabilidade das relações e dos serviços comerciais on-line.

Mercados monopolistas, desprezo pela opinião dos usuários, abuso de anúncios intrusivos, silenciamento de críticos não-extremistas, celebração do engajamento idiota, incentivo ao uso delinquente de dados pessoais — tudo isso acelera a corrosão de uma tecnologia que deveria servir à coletividade.

Um novo desafio humano se agrava a cada dia, sem horizonte de uma solução sábia e tranquilizadora: trata-se do poder oculto da internet e das redes sociais. Que paixão indomável prende a população do mundo a tudo que a impressiona?

Será que ainda é preferível falar do óbvio — as vantagens que a tecnologia trouxe — ou já é hora de nos concentrarmos nas desvantagens, no sofrimento, e corrigir os rumos, para não nos arrependermos, como Alfred Nobel se arrependeu de ter criado a dinamite?

PAULO DELGADO é sociólogo